

**CAPITAL SOCIAL: UM ESTUDO NA REDE EXTRATIVISTA FLONA
CARAJÁS**

SOCIAL CAPITAL: A STUDY IN THE FLONA CARAJÁS EXTRACTIVE NETWORK

Eloísa Barbosa Vilela Camargo

IFSULDEMINAS Campus Passos

eloisa.camargo@alunos.ifsuldeminas.edu.br

Clique aqui para digitar texto.

Gustavo Clemente Valadares

IFSULDEMINAS Campus Passos

gustavo.valadares@ifsuldeminas.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-7990-4226>

João Marcos Fernandino Evangelista

IFSULDEMINAS Campus Passos

joao.evangelista@ifsuldeminas.edu.br

<https://orcid.org/0009-0001-9952-5880>

Luiz Augusto Reis Almeida

UNINCOR

bigduth@gmail.com

Recebido em: 01/12/2022.

Aprovado em: 31/03/2023.



DOI: 10.18406/2359-1269v10n120233308

Resumo

O Capital Social consiste em um conjunto de instituições, relações e normas capazes de dar qualidade as conexões interpessoais presentes em uma sociedade. Na rede extrativista, ele cumpre um papel mais dinâmico por transitar entre três dimensões: estrutural, relacional e cognitiva. A identificação destes três níveis dimensionais é extremamente relevante, pois eles auxiliam em tomadas de decisões, definem a identidade de empresas, adequam os problemas comportamentais, identificam as oportunidades de mercado, traçam estratégias de longo-prazo, entre outros. Por esse motivo, o trabalho proposto buscou descrever como o capital social se insere nas relações comerciais da cooperativa extrativista abordada, descrevendo as suas relações comerciais, caracterizando as dimensões supracitadas e identificando os contextos em que ambos interagem. Metodologicamente, utilizou-se o estudo de caso para a realização de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. A avaliação dos resultados foi efetuada pela técnica Análise de Conteúdo com grade mista, ao que se identificou: um processo de expansão do horizonte relacional na rede, o nível de confiança reduzido entre os parceiros, cinco grupos temáticos sensíveis nas relações estudadas, um forte engajamento às causas ambientais e a influência hierárquica dentro da estrutura. Tais resultados corroboram as contribuições teóricas descritas por Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam, principais referências utilizadas para a fundamentação do trabalho. Como oportunidade de melhoria sugere-se: a exploração dos canais de comunicação no processo de ampliação da rede, o aprofundamento dos laços relacionais entre os parceiros, a manutenção do diálogo aberto e frequente sobre assuntos sensíveis, a gestão da dimensão relacional e compensação dos pesos hierárquicos.

Palavras-chave: Ativo intelectual; Laços relacionais; Rede interorganizacional; Extrativismo vegetal.

Abstract

Social Capital consists of a set of institutions, relationships and norms capable of giving quality to the interpersonal connections present in a society. In the extractive network, it plays a more dynamic role by transiting between three dimensions: structural, relational and cognitive. The identification of these three dimensional levels is extremely relevant, as they help in decision-making, define the identity of companies, adjust behavioral problems, identify market opportunities, outline long-term strategies, among others. For this reason, the proposed work sought to describe how social capital is inserted in the commercial relations of the approached extractive cooperative, describing its commercial relations, characterizing the aforementioned dimensions and identifying the contexts in which both interacted. Methodologically, the case study was used to carry out a qualitative, exploratory and descriptive research. The evaluation of the results was carried out using the Content Analysis technique with a mixed grid, which identified: a process of expansion of the relational horizon in the network, a reduced level of trust between partners, five sensitive thematic groups in the relationships studied, a strong engagement to environmental causes and hierarchical influence within the structure. Such results corroborate the theoretical contributions described by Pierre Bourdieu, James Coleman and Robert Putnam, the main references used to support the work. As an opportunity for improvement, it is suggested: exploration of communication channels in the process of expanding the network, deepening the relationship ties between partners, maintaining open and frequent dialogue on sensitive issues, managing the relational dimension and offsetting the weights hierarchical.

Keywords: Intellectual asset; relational ties; Interorganizational network; Plant extractivism.

Introdução

O primeiro registro histórico conhecido sobre o afloramento mineral de Carajás foi realizado pelo geólogo mineiro Avelino Ignácio de Oliveira no seu diário de 1922. Após certo tempo esquecida, a região finalmente passou por um

mapeamento geológico estratigráfico que foi conduzido pelo Departamento Nacional de Produção Mineral de 1954 a 1966.

Entretanto, o projeto intitulado Araguaia classificou os afloramentos como arenito calcífero em sua publicação (SANTOS, 2019). Neste mesmo ano um geólogo brasileiro comunicou sua subsidiária, ligada a uma organização de mineração americana com sede em Houston, a possibilidade de existir manganês no sudoeste do estado. Coincidentemente o *Brazilian Exploration Program*, uma iniciativa para a exploração dos nossos recursos minerais, seria lançado no ano seguinte pela maior companhia siderúrgica americana da época. Apesar do clima tenso, as organizações internacionais que exploravam juntas a mesma área lograram êxito e identificaram ferro e manganês.

O cálculo inicial para o potencial ferrífero da companhia responsável pela exploração na região de Carajás apontou entre 2 e 35 bilhões de toneladas distribuídas em aproximadamente cento e sessenta mil hectares (SANTOS, 2019). A comunicação da descoberta realizada em setembro de 1968 no XXII Congresso Brasileiro de Geologia, chamou a atenção do governo que fechou um acordo com essa companhia para liberar as licenças necessárias.

Tal acordo consistiu na fusão do capital entre a empresa supracitada e a organização mineralógica do país mais desenvolvida da época, dando origem a Amazônia Mineração S.A. Entretanto, em 1977, ao criar um impasse com o governo brasileiro exigindo que ele construísse uma ferrovia e um porto para a implantação do projeto, a companhia estrangeira cedeu à pressão externa da organização de mineração nacional e vendeu sua participação por cinquenta milhões de dólares (SANTOS, 2019).

Visando a ampliação das suas atividades em função das recentes descobertas e utilizando-se de um movimento estratégico, a organização de mineração nacional buscou um financiamento junto ao Banco Mundial, mas como as correntes ambientais já começavam a ganhar força no cenário internacional, ele determinou a criação de reservas indígenas e florestais para que o recurso fosse liberado. Desta forma, em 1982 foram demarcadas a Reserva Indígena Xikrin e a Reserva Florestal de Carajás-Tapirapéltacaiúnas (SANTOS, 2019). Entretanto, o cumprimento da norma desencadeou uma série

de conflitos, pois muitos civis que extraíam produtos florestais em Carajás foram proibidos de exercer a atividade.

Felizmente, o objetivo de tornar a fiscalização mais ativa uniu os técnicos do nosso principal órgão ambiental aos funcionários da organização de mineração nacional em apoio a criação de uma cooperativa local que ao ser fundada, em 1997, pôde dar voz a sua comunidade, oferecendo uma oportunidade de complementação de renda para as famílias carentes através de uma atividade lícita voltada à preservação ambiental (GUMIER-COSTA, MCGRATH, *et al.*, 2016).

Com sua gestão totalmente independente, tal cooperativa realizou até 2007 a extração e a venda das folhas do jaborandi proveniente da Unidade de Conservação livremente. Nessa ocasião o órgão máximo ambiental brasileiro foi acionado para mediar a relação entre ela e seus clientes. Sua principal queixa era a existência de uma assimetria entre a cooperativa e os laboratórios farmacêuticos, o que a impedia de reajustar o valor do produto. Diante deste cenário, ficou acordado entre as partes que antes do início de cada coleta deveriam ser lançados editais para que se pactuassem contratos formais (GUMIER-COSTA, MCGRATH, *et al.*, 2016).

Ao comentar o episódio em seu livro, o principal analista ambiental da região: Fabiano Gumier Costa (2017), ressaltou a necessidade de se desenvolver estudos mais aprofundados sobre as relações de parcerias entre os grupos farmacêuticos e o cooperativismo, uma vez que essas pesquisas eram escassas e o choque entre os modelos de gestão praticados costumavam gerar ruídos prejudiciais ao diálogo construtivo, ameaçando vinte e quatro anos de conquistas alcançadas.

Em função do histórico apresentado, o trabalho ora descrito propôs o estudo do capital social presente no relacionamento entre a organização extrativista e seus stakeholders indagando a seguinte questão de pesquisa: *como a presença do capital social nas relações interorganizacionais entre a cooperativa e seus parceiros se manifesta?*

Assim, determinou-se como objetivos secundários a caracterização das seguintes dimensões: I. Estrutural, II. Relacional e III. Cognitiva. O resultado obtido encontra-se descrito no corpo deste artigo que apresenta a seguinte estrutura: introdução; referencial teórico; material e métodos; resultados e discussão; conclusão e referencial bibliográfico.

Referencial Teórico

Introduzido na literatura Norte Americana por Lyda Hanifan, em 1916, o termo Capital Social acabou sendo inventado de forma independente mais seis vezes ao longo do século XX (PUTNAM, 2001). Essa efervescência de ideias, resultou em diferentes abordagens temáticas que transitaram do campo social ao econômico de forma complementar entre si, produzindo quatro classificações principais: utilitarista, estruturalista, tradicionalista e moral-comunicativa (HIGGINS, 2005).

A perspectiva utilitarista, baseada nos autores James Coleman e Francis Fukuyama, adota um viés normativo, pois acredita que o capital social é uma ferramenta de controle comportamental incorporado a um sistema de recompensas e sanções. Já a perspectiva estruturalista, baseada em Pierre Bourdieu e Mançur Olson, interpreta que o capital social é um conjunto cultural baseado em hábitos históricos responsáveis pela sustentação da estrutura social (HIGGINS, 2005).

A ótica tradicionalista, fundamentada por Robert Putnam, admite que capital social é uma rede de conexões entre indivíduos, nutrida por ações de reciprocidade e confiança. Já a concepção moral-comunicativa, baseada em David Durkheim e Jürgen Habermas, considera o capital social uma composição democrática sobre interesses generalizáveis (HIGGINS, 2005). Independentemente da abordagem adotada, é fato que o capital social se comporta muito mais como um estoque de relações e valores, assumindo a função de um bem coletivo cultural, que não pode ser isolado de seu contexto e nem construído artificialmente, (FURLANETTO, 2008).

Pois, diferente do capital financeiro (bens materiais completamente tangíveis) e do capital humano (forma abstrata do conhecimento), o capital social

é etéreo, existindo apenas nas relações interpessoais (COLEMAN, 1988). Ao afirmar que as redes sociais possuem valor, Robert Putnam (2001) vislumbra algo mais do que um simples companheirismo, ele se refere a um denso senso de identidade comunitária, fortificado em ações de reciprocidade.

Trata-se da capacidade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos (D'ARAÚJO, 2003) cujos instintos humanitários têm por benefício: obtenção de informações estratégicas em conversas triviais, mutualidade tanto em vitórias como em fracassos, fortalecimento de objetivos coletivos e união acerca de um senso identitário (PUTNAM, 2021). A teoria do capital social é, no fundo, muito direta. Sua tese central pode ser resumida em duas palavras: relacionamentos importam.

Ao fazer conexões, umas com as outras e mantê-las em movimento ao longo do tempo, as pessoas são capazes de trabalhar juntas para alcançar coisas que elas não poderiam alcançar por si mesmas ou somente com grande dificuldade. As pessoas se conectam por meio de uma série de redes e tendem a compartilhar valores comuns com outros membros dessas redes; na medida em que essas redes constituem um recurso, podem ser vistas como uma espécie de capital (FIELD, 2008). Infelizmente, diversos países, como o Brasil, ainda não difundem essa teoria.

A justificativa para tal desvalorização encontra-se no princípio da mutualidade, já que os beneficiários sempre desfrutarão, apenas, de parte do benefício. Lamentavelmente, comportamentos oportunistas, autossuficientes ou individualistas inviabilizam o crescimento da estrutura social, responsável por moldar e transferir o capital humano à próxima geração, fato que mantém as redes interorganizacionais em constante processo de inovação (COLEMAN, 1988). Isso significa que, se utilizado de maneira estratégica, o capital social pode potencializar as melhores oportunidades do mercado.

Diferentemente do nosso país: o termo 'capital social' [...] alcançou uma aceitação internacional considerável nas ciências sociais por meio do trabalho inovador de Bourdieu, na França, e Coleman - Putnam, nos Estados Unidos; foi amplamente adotado na política e na sociologia como uma explicação para o

declínio da coesão social e dos valores comunitários nas sociedades ocidentais. Também foi adotado por formuladores de políticas, especialmente em órgãos governamentais internacionais, como o Banco Mundial (FIELD, 2008).

Dessa forma, para que se constitua uma acepção mais abrangente, que compreenda tanto a rede quanto os ativos mobilizados através dela, o trabalho ora descrito adota como conceito de capital social a definição estabelecida pelo próprio Banco Mundial que: [...] expressa basicamente, a capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos. Segundo o Banco, capital social refere-se às instituições, relações e normas sociais que dão qualidade às relações interpessoais em uma dada sociedade.

A coesão social é vista aqui como fator crítico para a prosperidade econômica e para o desenvolvimento sustentado (D'ARAUJO, 2003). A extensão desse conceito, descrita nos trabalhos de John Field (2008), Robert Putnam (2001), Janine Nahapiet e Sumantra Ghoshal (1998), embasam os três constructos a serem analisados pela pesquisa proposta: dimensão estrutural, dimensão relacional e dimensão cognitiva. A dimensão estrutural diz respeito a rede de relações como um todo.

O termo [...] refere-se ao padrão geral de conexões entre os atores, ou seja, quem você alcança e como você os alcança. Entre as características mais importantes desta dimensão estão a presença/ausência de laços entre os atores, configuração da rede, padrão de ligações como densidade, conectividade e hierarquia; e organização apropriada - redes que podem ser utilizadas para outros propósitos. [...] a dimensão relacional descreve o tipo de relacionamento pessoal que as pessoas desenvolveram umas com as outras por meio de um histórico de interações.

Este conceito enfoca as relações particulares capazes de influenciar o comportamento, como respeito e amizade. É por meio dessas relações pessoais que se fomenta sociabilidade, aprovação e prestígio. [...] Entre as principais características desse grupo estão: confiança e confiabilidade, normas e sanções, obrigações e expectativas, identidade e identificação. A dimensão cognitiva, refere-se aos recursos que fornecem representações, interpretações e sistemas

de significados compartilhados entre as partes. [...] Esse recurso representa uma característica de importância particular no contexto do capital intelectual, pois inclui linguagem, códigos, narrativas e conhecimento compartilhado (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998).

Embora o capital social assumam muitas dimensões, cada uma dessas dimensões deve: I. constituir algum aspecto da estrutura social e II. facilitar as ações dos indivíduos dentro dessa estrutura. Essas ações favorecem a formação e o escalonamento das redes de relacionamento para composições simples (simplex), complexas (multiplex) ou híbridas (COLEMAN, 1988). Pois, a medida em que elas se tornam mais densas, fortalecem laços estratégicos (dimensão estrutural), desenvolvem a confiabilidade do ambiente social (dimensão relacional) e ampliam o compartilhamento do conhecimento (dimensão cognitiva).

De forma simples e resumida, o capital estrutural refere-se a rede como um todo. Sua função é estabelecer o sistema onde o capital relacional irá circular. O cruzamento destes dois elementos, resultará no capital cognitivo, o mais especializado de todos. A interação harmônica entre os três capitais produzirá a inovação. A identificação destes três níveis dimensionais, bem como do todo, auxiliará os líderes a tomarem decisões, definirem a identidade da empresa, adequarem problemas comportamentais, identificarem oportunidades de mercado, traçarem estratégias de longo-prazo, entre outros.

Metodologia de Pesquisa

A presente pesquisa possui a finalidade de caracterizar como o Capital Social influencia as relações comerciais de uma cooperativa extrativista do sudeste paraense, abrangendo clientes diretos e parceiros que estão habituados a interagirem entre si dentro da rede interorganizacional apresentada. Para isso, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativa, exploratória e descritiva (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Em função destas características, utilizou-se como metodologia de trabalho, o Estudo de Caso (YIN, 2015) optando por dividir os procedimentos metodológicos em três etapas básicas: Inicialmente efetuou-se um amplo levantamento bibliográfico acerca da atuação da cadeia extrativista do jaborandi

na Flona de Carajás. Essa atividade consistiu na leitura de diversos trabalhos publicados, sendo os principais de Alfredo Homma (2014), Cecílio Caldeira (2017), Cristina Grabher (2015), Fabiano Gumier Costa (2017) e no acompanhamento dos webinars: I. A Descoberta de Carajás (2019), II. Economia da Floresta (2021), III. Bioeconomia e Pesquisa Científica: a experiência com o jaborandi na Amazônia (2021).

Posteriormente, com base nessa bibliografia, foi elaborado um mapa, evidenciando os principais pontos de contato entre os atores que compunham a rede, com o intuito de identificar quais eram os seus representantes. Constatou-se, através desta ferramenta, um alto fluxo de interação entre quatro atores centrais, caracterizados no quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Caracterização dos principais representantes da rede extrativista na Flona de Carajás

ATOR	FUNÇÃO EXERCIDA NA REDE	FONTE
Representante 1	Os extrativistas de jaborandi são conhecidos como folheiros, representados inicialmente pela [cooperativa extrativista], fundada em 1997. A maioria dos folheiros são do Maranhão e migrou para o sudeste paraense a partir da década de 1980.	GUMIER COSTA, 2016
Representante 2	O [instituto ambiental] é ligado ao governo nacional e responsável pelas Unidades de Conservação federais desde 2007 [...] ele possui técnicos no local, responsáveis pela proteção e implementação das Unidades de Conservação.	GUMIER COSTA, 2016
Representante 3	O [instituto tecnológico] é um importante ator local pelo fato de desenvolver atividades de pesquisa ligadas à preservação, lavra, beneficiamento e transporte de minérios, a partir de jazidas no interior da Flona de Carajás.	GUMIER COSTA, 2016
Representante 4	A [farmacêutica cliente] é a compradora de folhas de jaborandi coletadas em Carajás e assumiu os negócios de extração e comercialização de pilocarpina anteriormente desenvolvidos por uma companhia alemã em Parnaíba, Piauí (GUMIER-COSTA, 2016)	GUMIER COSTA, 2016

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Por fim, entre os meses de junho e julho, estabeleceu-se contato via e-mail e WhatsApp com os representantes das organizações citadas objetivando o agendamento prévio das entrevistas remotas em função da Pandemia pelo vírus Sars Cov II.

Estas participações seguiram o critério de acessibilidade associado a técnica *snowball* e se realizaram via Google Meet nos dias 1, 2 e 13 de julho de 2021. Por estar em férias trabalhistas durante este período, a representante da farmacêutica cliente optou por não participar da entrevista. Em função disso, as análises feitas tiveram como base as suas declarações apresentadas no

Webinar Bioeconomia e Pesquisa Científica: a experiência com o jaborandi na Amazônia, realizado no dia 11 de junho de 2021.

Devido à natureza personalíssima da temática abordada, utilizou-se como Roteiro de Entrevista nas oitavas dos três participantes, um questionário aberto composto por 20 perguntas; programadas para serem respondidas dentro de 60 minutos. A elaboração desse questionário observou o propósito de identificar comportamentos voltados à confiabilidade, reciprocidade, normatividade e mutualidade, pois tais requisitos alicerçam as teorias de Bourdieu, Coleman e Putnam fundamentando os constructos analisados. A avaliação das informações obtidas, após a realização das entrevistas, adotou a técnica Análise de Conteúdo com grade mista, compreendendo os três principais constructos advindos dos teóricos referenciados: dimensão estrutural, dimensão relacional e dimensão cognitiva.

Resultados e Discussão

Para Janine Nahapiet e Sumantra Ghoshal (1998), o capital estrutural “diz respeito a rede como um todo”. Ele é antagônico ao capital relacional, pois descreve a configuração impessoal dos laços entre pessoas ou organizações. Sua dimensão é importante por influenciar a capacidade intelectual da rede permitindo o acesso às partes em ações de conhecimento. Sendo assim, a avaliação dessa dimensão é feita através da observação dos padrões de conexão, configuração, ligação e organização entre os atores da rede. Sobre os padrões de conexão, constatou-se a existência de laços entre todos os atores da rede que foram entrevistados, conforme descrito nos trechos destacados abaixo:

Temos diversos parceiros, entre eles nós temos o próprio [instituto ambiental], que ele sempre foi um parceirão da cooperativa, né... temos a [universidade federal paraense], né... uma parceira muito boa mesmo, nós temos a própria [organização das cooperativas], né e nós temos também alguns contato com a [empresa pública de pesquisa agropecuária], né... aqui no nosso município [pausa] e com a própria [instituição pública municipal] meio... ainda mais inicial, né... esse contrato (sic) (REPRESENTANTE 1).

Conheço, conheço a [representante 1], conheço os extrativistas lá, a gente... a gente fez várias reuniões lá com eles pra, pra podê... é... conversá e mostrá a importância do, do [instituto ambiental], né... na,

na gestão e na parceria que a gente tem com eles, né... de tá sempre trabalhano com... pra tá também com capacitações, ajudano lá no processo produtivo, né (sic) (REPRESENTANTE 2).

Então, a... a [cooperativa extrativista] como eu te disse é uma parceira e a gente sempre compartilha conhecimento desde a estruturação de alguns trabalhos que, que a gente tem executado... assim, essas metas de trabalho que a gente tem feito... por exemplo, desde mapeamento onde... depois de uma parte científica, paralela a conhecimento de como que você precisa fazê pra produzi um mapeamento e, entre aspas, consegui mapeá informações que possamos passá pra órgãos ambientais, que vão permiti que a própria [cooperativa extrativista] continue a coletá folhas por exemplo (sic) (REPRESENTANTE 3).

[...] a colaboração do próprio [instituto tecnológico] dá dentro deste projeto quando faz o mapeamento, pesquisa aquelas plantas, eu vou dizer um pouquinho mais das parcerias que a gente tá buscando aí desenvolvê pra que as análise de pilocarpina desses materiais que o [representante 3] coleta, né... na Flona possam ser mapeados desde o ponto de vista genético, mas também, é... o que tem de pilocarpina em cada um desses indivíduos coletados [pausa] até a transformação, é, desse produto num... num produto farmacêutico, um produto tão importante pra o tratamento aí, como o [representante 3] e a [representante 1] (sic) (REPRESENTANTE 4).

Para os teóricos, essa característica é extremamente importante pois possibilita que informações relevantes tenham uma via livre de coleta e difusão destes dados dentro da rede: A proposição fundamental do capital social é que os laços de rede fornecem acesso aos recursos. Um dos temas centrais da literatura é que o capital social constitui uma fonte valiosa de benefícios e informação (ou seja, “quem você conhece” afeta “o que você sabe”).

Coleman (1988) observa que a informação é importante para fornecer uma base para a ação, mas sua coleta é cara. No entanto, as relações sociais, muitas vezes estabelecidas para outros fins, constituem canais de informação que reduzem o tempo e o investimento necessários para reunir informações (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998). Apesar destes padrões de conexão viabilizarem o fluxo de informações na rede, ela não será capaz de produzir conhecimento se sua estrutura morfológica for homogênea.

Desta forma, quanto mais elementos diversos a configuração da rede possuir, maior qualidade o conhecimento produzido terá. Sendo assim, mapeou-se a rede abordada, demonstrando sua característica de distribuição heterogênea devido a presença de: 6 organizações que atuam no setor farmacêutico, 4 organizações que atuam no setor ambiental, 2 organizações que atuam no setor mineral, 2 organizações que atuam no setor cooperativista, 2

organizações que atuam no setor de ensino/pesquisa e 1 organização do setor público.

É possível reconhecer a magnitude que uma rede plural possui, quando compreende-se que o conhecimento especializado surge da união entre competências e habilidades multidisciplinares. Essas capacidades costumam acumular maior nível de capital social por contribuir com melhorias mais “apuradas”. Sobre esse assunto a teoria pondera que: Esse aspecto da diversidade é muito importante, porque está bem estabelecido que um progresso significativo na criação de capital intelectual geralmente ocorre ao reunir o conhecimento de fontes e disciplinas díspares. Redes e estruturas de rede, portanto, representam faces do capital social que influenciam a gama de informações que podem ser acessadas (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998).

Entretanto, o fato de uma rede possuir canais condutores não significa, necessariamente, que a informação está circulando neles. A produção de conhecimento só é viável, de fato, quando as organizações estão abertas a partilharem informações. Além de constituir um fluxo seguro, essa prática aumenta a acessibilidade e a flexibilidade das redes, o que as torna mais estáveis. Destarte, a análise do material, descrito abaixo, demonstrou que existe um fluxo denso de comunicação entre os atores que representam as organizações parceiras. Essa conclusão se baseou nas afirmações relativas à frequência e volume de dados compartilhados durante esses contatos:

A comunicação é diversas formas, né. Agora devido a esse cenário que a gente encontra é mais mesmo por questões tecnológica, né... seja por WhatsApp ou por e-mail mesmo, reuniões através dessas plataformas [...] Ó, esses que a gente se comunica com mais frequência são os que tão mais presente no nosso dia-a-dia... por exemplo [instituto ambiental]... claro conciliando a agenda de cada um, pra gente se comunicá mensalmente, semestralmente, diariamente... dependendo da demanda que a cooperativa teja no momento. O que a gente comunica com menor frequência é semestralmente ou anualmente, entendeu? (sic) (REPRESENTANTE 1).

A comunicação é Zap direto (risada), eu sempre falo com a [representante 1], né, e sempre ela tá me perguntando as coisa... eu pergunto pra ela... a gente faz as coisa sempre pelo Zap, aí... mas a gente faz questão também de, de tê reuniões presenciais [pausa] assim, nessa época de pandemia, né, que dificulta a, a realização de reuniões maiores mais sempre que dá a gente conversa mesmo eu e ela, eu vô lá na cooperativa ou ela vai lá no, no [instituto ambiental] então a gente mantém sempre esse diálogo... ou no WhatsApp ou fazendo no presencial. A frequência é praticamente... semanalmente,

né, uma ou duas vezes por semana ou a gente conversa de forma presencial ou pelo ZAP (sic) (REPRESENTANTE 2).

Eu me comunico constantemente. Não é diariamente... isso não é algo nesse nível mas... existem momentos assim... horários de uma comunicação mais frequente que pode ser aí talvez quinzenal, semanal [pausa] são os momentos onde a gente tem atividades sendo executada. [...] Essa comunicação ocorre via WhatsApp, e-mail... tem telefonema, né, sem dúvida eu uso muito as ferramentas do teams pra podê marcá as minhas reuniões, e assim, eu uso pras reuniões que eu faço normalmente... (sic) (REPRESENTANTE 3).

Eu quis trazê essa foto, né, porque a parceria ela é isso, né, hoje... é infelizmente a pandemia não nos permite tanta circulação, né, tem ali a [representante 1], acho que essa foto deve te sido tirada em 2018, né, de uma visita que algumas pessoas da [cooperativa extrativista], também a própria professora [omitido – 00:19:20] da [universidade federal paraense], tinha um pessoal também da [instituição pública municipal] é... uma foto da, da visita que eles fizeram à fábrica pra conhecê o processo todo, né, e tá bem, é... assim, inteirado com a importância da qualidade desde a origem (sic) (REPRESENTANTE 4)

Verifica-se então, através dos depoimentos coletados que existe um fluxo de informações partindo de um núcleo de forma constante e sendo intensificado nas épocas em que se coleta a matéria-prima. Sobre esse assunto, a teoria reforça que: [...] os laços fortes e simétricos frequentemente associados ao desenvolvimento de relações afetivas (tanto positivas quanto negativas) podem, por sua vez, influenciar a motivação dos indivíduos para se engajar na interação social e, assim, trocar conhecimentos. Da mesma forma, redes estáveis caracterizadas por relações densas e altos níveis de interação conduzem ao desenvolvimento das diferentes facetas do capital social cognitivo que discutimos neste artigo (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998).

Como referenciado, quando se tem a existência desse fluxo, é necessário que a checagem da qualidade da informação veiculada seja feita. Tal procedimento busca entender quão saudável essa comunicação pode ser para a rede. Dessa forma, avaliou-se o quesito conectividade, identificando que as partes estudadas demonstram possuir interações sinérgicas, conforme registrado nas descrições abaixo:

É... informações é... eu acho que... informações mesmo, interna da cooperativa... questão de produção, né é... cumé que tá o dia-a-dia, quais são as dificuldades, né... em busca de melhoria pra podê melhorá todo esse processo produtivo (sic) (REPRESENTANTE 1).

Então essa foi uma, uma das comunicações que a gente teve com a [cooperativa extrativista] de tentá articulá com a [organização de mineração nacional] esse, esse transporte das folhas de jaborandi pelo, pelo helicóptero, então são muitas conversas... aí tem a questão também da licença que teve algumas condicionantes pra... pra exploração da folha desse ano e que a gente pediu algumas condicionantes pra eles, né, tipo... essa questão do lixo, a questão da, da vacinação de Covid de todos os extrativistas que fosse entrá e que ela mandô pra gente numa ação também com o apoio da [organização de mineração nacional] né... (sic) (REPRESENTANTE 2).

Tem outras formas que a gente faz trocas de informações, a gente estuda as plantas que eles identificam, então a gente consegue, por exemplo, estudar essas plantas durante um longo período, toda a germinação, desde janeiro... e consegue falá pra eles, exemplo... neste período essas plantas aqui precisam descansá, olha você pode ir lá coletá folhas e até dia dezoito as folhas estarão maduras e no ponto correto de coleta... e eles já podem vir falarem, olha tal região acontece desse jeito, mas nessa outra isso aqui já é um pouco mais tarde, então a gente precisa estudá mais de um local (sic) (REPRESENTANTE 3).

Aqui existe um barracão da [cooperativa extrativista], esta foto, do lado direito, é uma foto do barracão... a [representante 1] tá lá, né, com mais três estagiárias da [universidade federal paraense], que fizeram também nos últimos dois anos um trabalho bastante bacana, alguns anos atrás existia uma problemática, é... de uma porcentagem alta de galhos, isso causou muitos impactos na unidade fabril, né... impactos de entupimento, de ineficiência de estação... aí com isso, a gente começou este trabalho com a [cooperativa extrativista], né, e com, com o pessoal da [universidade federal paraense] pra fazê a avaliação de impurezas (sic) (REPRESENTANTE 4).

Toda essa sinergia, contribui para que os problemas identificados sejam solucionados de uma forma mais flexível. Essa acessibilidade estreita os relacionamentos tornando os contatos mais produtivos: Os laços fornecem os canais para a transmissão de iniciação, mas a configuração geral desses laços constitui uma faceta importante do capital social que pode impactar o desenvolvimento do capital intelectual (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998). Durante os relatos apresentados, constatou-se que a cooperativa extrativista se encontra na base da pirâmide hierárquica da rede, estando interagindo com organizações de maior porte, sendo alguns, inclusive, multinacionais. No entanto, é importante destacar que há existência de ações genuínas, dos seus próprios pares, a fim de tentar equalizar ou diminuir essa disparidade.

Em uma relação de hierarquia quem se sobressai é o parceiro... as situações de conflito envolvem dinheiro [sinal de dinheiro como as mãos]. Eu acredito que... nessa questão financeira quando se fala de... de uma negociação, fica mais a opinião adversa, digamos assim (sic) (REPRESENTANTE 1).

“Eles têm essa dificuldade da questão do preço, né, é... eles têm uma grande dificuldade também pela questão da mineração... o que eu tô dizendo, é que...as áreas mais próximas de acessibilidade que eles tem, tá diminuindo então eles tem que ir cada vez mais longe, então, esse problema que eles têm agora, hoje, de tentar pegar a, as folhas com helicóptero... então isso dificulta pra eles (sic) (REPRESENTANTE 2).

Acredito que... são algumas coisas das nossas conversas que a gente percebe ou que a gente acha que percebe, né, a... acredito que boa parte delas é uma valorização maior do produto deles... A valorização mais adequada do produto e... fornecê as condições de trabalho que

sejam sustentáveis pra os trabalhadores; se eu pudesse colocá dois pontos principais seriam esses (sic) (REPRESENTANTE 3).

Foi implantado um novo sistema de remuneração, onde existe um preço base, né, pra quele teor normal, ali, de pilocarpina... por isso que, quando eu falo, né, da importância da ciência, do conhecimento que vem sendo gerado também pelo [instituto tecnológico] é que o [representante 3] hoje tem mapeado diversas plantas, acredito que ele vai falar em seguida, né, e, e a gente entendendo também quais são as plantas que tem mais pilocarpina... pode, é... agregá inclusive na geração de mais renda e mais potencial produtivo, um incremento aí na [cooperativa extrativista] (sic) (REPRESENTANTE 4).

Como demonstrado, a análise realizada, constatou que as organizações posicionadas no núcleo da rede possuem uma estrutura eficiente de comunicação. Verificou-se também que um fluxo constante de informações percorre essa estrutura de maneira eficaz, viabilizando a solução de problemas e a administração das demandas crescentes na época da colheita. Apesar de existir uma estrutura hierárquica, os parceiros buscam a horizontalidade das relações, fato que corrobora para a flexibilidade dos processos compartilhados e que torna a rede mais durável: [...] os pesquisadores agora estão procurando desenvolver uma teoria da empresa que seja expressa em termos, afastando-se de uma estrutura de falha de mercado para uma fundamentada no conceito de vantagem organizacional. Em primeiro lugar, as organizações, como configurações institucionais, são caracterizadas por muitos dos fatores conhecidos por serem favoráveis ao desenvolvimento de altos níveis de capital social. Em segundo lugar, é a coevolução do capital social e intelectual que sustenta a vantagem organizacional (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998).

Logo, a perspectiva teórica de vantagem organizacional, refere-se à capacidade de utilização dessas redes para a reversão de quadros corporativos disfuncionais agregando benefícios em prol da sociedade; atividades que são desempenhadas e reconhecidas pelos participantes da pesquisa:

Você imagine, o trabalho que começa aqui inicialmente, né, um trabalho extrativista... esses pai de família que inicia essas atividade aqui de recolher essas folhas, tendo essa preocupação de mantê essa floresta em pé e dá condição pra esse arbusto do jaborandi... porque quando você entende a importância do trabalho e da espécie, em fornecê essa substância única pa fabricá essas medicação que pessoas no mundo vão utilizá, você entende o impacto positivo na sociedade que esse trabalho, que é feito aqui de formiguinha na floresta nacional proporciona globalmente (sic) (REPRESENTANTE 1)

[...] a presença deles [folheiros] lá dentro da mata ela vai fazer com que a gente entenda que aquela área ela vai se mantê preservada... a

evidência de caçador lá é muito menor que as outras áreas porque, é... tem um grupo social que acaba fazendo o papel pra gente, de monitoramento, então já dá uma freada nessa questão de desmatamento... caçador... inibe os caçadores (sic) (REPRESENTANTE 2).

[...]a gente precisa ter uma grande diversidade ou manter a diversidade o máximo que ela tiver em planta, pra permitir o potencial pra ela se adaptá e evoluir de forma correta. Ce ve que a gente lá tem essa parte que compartilha com eles, eles vão falando pra gente olha de todos esses estudos ainda tem uma população ou apareceu uma nova espécie, que também pode ser de jaborandi ou não, que tá lá naquela partinha lá fora da flona não é interessante a gente estudar isso também? (sic) (REPRESENTANTE 3).

[...] é importante trazê os fundamentos que a gente considera dos nossos projetos de parcerias para que as cadeias produtivas sejam de fato, né, ela avancem os caminhos na sustentabilidade, a gente fala de sustentabilidade... esse é um produto de extrativismo com folheiro, esse é um produto cultivado com os agricultores, né, com respeito ao uso da terra, com respeito ao uso da água e equilíbrio do ecossistema... pra que a gente, de fato, tenha uma produção sustentável, responsável que dá pra indústria utilizar com segurança e minimizando quaisquer riscos (sic) (REPRESENTANTE 4).

A análise dos relatos apresentados, demonstra como a perspectiva ambiental de cada participante se integra às funções que eles desempenham. A transformação da prática extrativista, comprova a veracidade dos relatos capazes de identificar os benefícios alcançados, projetando a ideia de qual será o impacto no futuro das suas próprias atividades. Esse curioso comportamento é abordado por Coleman e Putam, ao alegarem que: O capital social desenvolvido em um contexto, como laços, normas e confiança, pode frequentemente (mas nem sempre) ser transferido de um ambiente social para outro, influenciando assim os padrões de troca social. Os exemplos incluem a transferência de confiança, de afiliações familiares e religiosas para situações de trabalho, o desenvolvimento de relações pessoais em trocas de negócios e a agregação do capital social dos indivíduos ao das organizações (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998).

É fato, que a dimensão estrutural promove a aproximação dos atores que se encontram inseridos na rede, viabilizando manifestações amigáveis, capazes de estimular as relações interpessoais. O estreitamento desses laços, por sua vez, contribui para o desenvolvimento de melhores práticas no âmbito profissional. Portanto, uma interação saudável entre capital relacional versus capital estrutural, é capaz de criar um ciclo virtuoso dentro das organizações,

que também retribuem à sociedade. Mas diferentemente do capital estrutural, o capital relacional é constituído de relacionamentos interpessoais, caracterizados por vínculos particulares que são desenvolvidos ao longo de um espaço temporal bem definido. Sua dimensão é importante por garantir a coesão dos laços presentes na rede, com dinâmicas que corroboram para o fortalecimento dos ativos associados a: identidade, confiança, normas e obrigação (NAHAPIET; GHOSHAL,1998).

Fundamental no aprofundamento das relações, a identidade corresponde a um conjunto de características que são capazes de distinguir os indivíduos. Quando, por algum motivo, esses indivíduos se aproximam para compartilhar um conjunto de características semelhantes, dizemos que houve a identificação. Ocorre que, esses sentidos identitários são importantes em processos de constituição de laços de amizade, pois exigem um alto nível de compartilhamento e mutualidade. Entretanto, como foi demonstrado nos trechos descritos abaixo, apesar de todos os indivíduos compartilharem um mesmo conjunto de características identitárias, apenas dois afirmaram possuir relações de amizade:

Tem, existe... tem alguns parceiro que eu considero que vai além do... do círculo, ali do, do trabalho, ali... sai dessa esfera... [pausa] e eu considero muito importante (sic) (REPRESENTANTE 1).

Olha a gente tem uma relação muito de amigo assim, eu e a [representante 1]... te garanto que se eu tivesse que ficá pelo menos mais cinco anos aqui em Carajás, a gente vai estreitá cada vez mais o laço de amizade, mas te garanto que eu posso considerá a [representante 1] como amiga mesmo, sabe (sic) (REPRESENTANTE 2).

Por mais que eu tenha admiração pelo trabalho que eles fazem, respeito muito o trabalho que eles fazem, a relação que eu tenho com eles é estritamente profissional. Assim a gente convive... até mesmo porque as situações são curtas, a gente se encontra pra resolver problemas e eu moro aqui em Belém e eles moram lá em Parauapébas, eu trabalho em vários projetos então tenho pouco tempo cuidar das coisas aqui, é uma relação estritamente profissional (sic) (REPRESENTANTE 3).

Eu quis trazê essa foto, né, porque a parceria ela é isso, né, hoje... é infelizmente a pandemia não nos permite tanta circulação, né, tem ali a [representante 1], acho que essa foto deve te sido tirada em 2018, né, de uma visita que algumas pessoas da [cooperativa extrativista], também a própria professora [omitido – 00:19:20] da [universidade federal paraense], tinha um pessoal também da [instituição pública municipal]... é uma foto da, da visita que eles fizeram à fábrica pra conhecê o processo todo (sic) (REPRESENTANTE 4).

Importante destacar aqui que as justificativas, apresentadas pelos próprios participantes, vão de encontro com a teoria sobre a necessidade em se ter uma comunicação mais efetiva nas ações de aprofundamento dos laços. De fato, por promoverem rupturas nos vínculos sociais, as ações de distanciamento (presenciais e virtuais) estão sendo sistematicamente estudadas em época de pandemia, pois: [...] nem todas as dimensões do capital social se reforçam mutuamente. Nohria e Eccles (1992), por exemplo, destacam diferenças importantes entre a troca cara a cara e a eletrônica e propõem que o uso da troca mediada eletronicamente para ajudar a criar uma organização em rede requer mais, e não menos, comunicação face a face. (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998).

Nahapiet e Ghoshal (1998) também argumentaram em seu artigo que relações particulares de históricos sólidos são capazes de promover sentimentos de respeito e amizade; expressos em atitudes de sociabilidade, aprovação e prestígio. Assim, para que se pudesse caracterizar tais sentimentos, analisou-se as passagens dialógicas, que expressavam manifestações de prestígio, ao que se relatou:

Existe [admiração] pela dedicação, esforço... e pelo fazê acontecer, entendeu? São pessoas que realmente desenvolvem aquelas funções que são... destinadas a eles, e que faz toda importância na vida da sociedade, de quem precisa realmente dos serviços prestado" (REPRESENTANTE 1) "Assim uma coisa que eu admiro lá neles, é que primeiro eles tem uma presidente assim, muito competente, né, [representante 1], é uma pessoa que tem um discurso muito legal, né.... a gente vê que não é só fala, mas é assim, na prática que eles... eles desempenham lá, né, ela tem um compromisso muito grande lá com os extrativistas, né, eles tem muita dificuldade... dos anos que ela tava lá... de lá pra cá eles cresceram muito, eles fizeram, assim, um trabalho de cooperativa mesmo muito eficiente na época dela pra cá (sic) (REPRESENTANTE 2)

Eu admiro em vários aspectos no sentido de primeiro... ser uma cooperativa. Se você consegue ser padrão, você consegue ter força de comercio, então a [cooperativa extrativista] é bem estruturada, tá caminhando cada vez mais pra essa estruturação melhor, haja visto como que era e como que eles estão seguindo hoje né, então isso é algo muito admirável [...]eles alimenta uma cadeia produtiva muito grande que é a cadeia de geração de medicamentos... e não é somente medicamentos, pra tratamento de glaucoma é... de várias outras doenças [...] não tem como não admirar quem sustenta essa cadeia de alguma forma... é algo a ser admirado (sic) (REPRESENTANTE 3)

[...] hoje apesar da gente trabalhá com outras comunidades, com outros parceiros do jaborandi este é o único projeto [cooperativa extrativista] que está dentro de uma unidade de conservação como a floresta nacional, então é um projeto super bacana... a gente só tem a agradecer aí pela presença da [cooperativa extrativista] pelo bom

trabalho que todos fazem e também pela possibilidade que o [instituto ambiental] nos dá (sic) (REPRESENTANTE 4).

Nitidamente, é possível perceber que existe um sentimento de identificação recíproco. Essa correspondência pode elevar a frequência da cooperação, fortalecer os vínculos e, conseqüentemente, aprofundar os laços entre os cooperados e o representante 3 no longo prazo. Desta forma se observa que: A identificação é o processo pelo qual os indivíduos se veem em comum com outra pessoa ou grupo de pessoas [...] Isso se sustenta na pesquisa de Lewicki e Bunker (1996), cujas evidências sugerem que a identificação de um grupo pode não apenas aumentar as oportunidades percebidas de troca, mas também pode aumentar a frequência real de cooperação. Em contraste, onde os grupos têm identidades distintas e contraditórias, elas podem constituir barreiras significativas para o compartilhamento de informações, aprendizagem e criação de conhecimento (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998).

A confiança, característica mais importante na dimensão relacional, tem como principal função reprimir comportamentos oportunistas e estimular trocas de conhecimento/informação. Ela também é responsável por estabelecer diálogos abertos que elevam a frequência das ações de cooperação, favorecendo crenças otimistas. As falas apresentadas abaixo demonstraram-se uníssonas, descrevendo a presença desse ativo na rede de forma integrada às atividades desempenhadas no âmbito profissional.

É possível observar no relato da representante 1, o reconhecimento de uma propriedade acumulativa que, de fato, contribui para a evolução da rede. Relevante destacar também a imagem de segurança atrelada à idoneidade contratual citada pelo representante 3:

Eu acredito que sim, porque confiança ela é um processo construtivo... você não compra ela da noite pro dia e você também não adquire ela da noite pro dia... é um processo, o [instituto ambiental], a [organização de cooperativismo regional], a [universidade federal paraense], as universidades de forma geral, a gente tem esse tempo né... tem um elo compactado mesmo como a cooperativa, sabe... tem mesmo essa parceria de ganha-ganha, então, tenho total confiança com esses parceiros (sic) (REPRESENTANTE 3).

Sim, com certeza... a gente tem com certeza confiança... inclusive a gente fez questão de fazer reunião com cada um dos cooperados, né, pra gente se conhece, né, pra conversa e foi colocado muito essa questão da confiança... a gente entende que eles são os guardiões da floresta, então, pra gente... isso no órgão é muito importante... que eles

estejam lá coletando essas folhas, porque é... pra eles a floresta em pé, ela é muito importante (sic) (REPRESENTANTE 2).

Eu espero que sim. Acredito piamente nisso [sobre confiança] até porque a gente trabalha aqui de uma forma contratual, então se o contrato, entre aspas, der errado ou sair de uma forma não adequada, é o contrato que não é cumprido então, se o contrato não foi até cumprido, não é honrado, existem respostas automáticas que geram a inadequação alienada a inefetividade do contrato... sempre tudo o que é feito dentro do [instituto tecnológico], dentro da [organização de mineração nacional] com relação a terceiros, outras empresas ou qualquer tipo de instituição é de forma contratual, então é o contrato que vai dizer de fato pra gente (sic) (REPRESENTANTE 3).

A gestão do relacionamento é super importante... que a gente mantenha bastante transparência e alinhamento constante para que as coisas aconteçam de uma forma a contemplá... e realmente nos últimos anos, a cooperativa tem se destacado e a qualidade do material tem atendido a indústria e o planejamento de safras entregues propriamente dito, né (sic) (REPRESENTANTE 4).

Por certo, a descrição histórica e as declarações supracitadas, demonstraram que a credibilidade foi o principal elemento de sustentação das diversas trocas realizadas. Além disso, é correto afirmar que quando se trata do âmbito relacional, a confiança assume um papel ambíguo em função das interpretações diversificadas que os parceiros possuem. Esse comportamento coloca sobre a rede uma condição de expectativa, que sempre que suprida geram reforços positivos. Trata-se de uma representação comportamental análoga a descrição teórica que: [...] define confiança como a crença de que "os resultados da ação pretendida por alguém serão apropriados do nosso ponto de vista".

Como observamos anteriormente, há uma interação de mão dupla entre confiança e cooperação: a confiança lubrifica a cooperação e a própria cooperação gera confiança. Nesse sentido, a confiança coletiva pode se tornar uma forma potente de "ativo de expectativa", no qual os membros do grupo podem contar de forma mais geral para ajudar a resolver problemas de cooperação e coordenação (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998). Diretamente relacionado ao paradigma da confiança, as normas são responsáveis por delimitar os horizontes relacionais, conferindo certa rigidez a uma estrutura originalmente flexível.

Elas são importantes por promoverem a harmonia das forças, respaldando os atores envolvidos, uma forma de atribuir maior disposição ao

envolvimento com ações de cooperação. Apesar de pouco divulgado, esse papel de equilíbrio, exercido por meio de vetos e sanções, são fundamentais para evitar a deformidade da rede. Sobre esse tema, as informações colhidas nas entrevistas revelaram que todas as trocas de cooperação e parceria, se encontram atualmente normatizadas através de contratos, licenças e certificações:

Hoje é uma coisa que eu digo pra todos os cooperados é que realmente valeu a pena a gente se inscrever naquela chamada lá em dois mil e dezenove, né... foi a oportunidade de tê comprado e pagado à vista a nossa caminhonete e além disso, foi tê conseguido é... cumpri os contratos que a cooperativa tinha honrado naquele momento, porque realmente era uma coisa que tava tirano o sono, né... e hoje a gente tá colhendo os frutos lá de dois mil e dezenove (sic) (REPRESENTANTE 1).

[...] eles têm que fazê um plano de exploração, né, da folha de jaborandi anual, então eles apresentam pra gente tudo, desde como é que eles vão fazê, quem vai entrá pra coletá, quantas pessoas vão coletá... então eles fazem um pacto também de não deixa o, o... lixo, alimento e não deixarem muito bagunçado, né, então eles arrumam, organizam tudinho, né... hoje a gente percebe que, que há necessidade que, que se faça um plano de manejo, que pras explorações futuras, a gente já vai tentá vê... articulá cumê que a gente faz esse plano [pausa] de manejo (sic) (REPRESENTANTE 2).

Sempre tudo o que é feito dentro do [instituto tecnológico], dentro da [organização de mineração nacional] com relação a terceiros outras empresas ou qualquer tipo de instituição é de forma contratual, então é o contrato que vai dizer de fato pra gente (sic) (REPRESENTANTE 3)

a gente trabalha também no conceito de certificações, hoje, o mercado é... de muitos produtos, ele demanda muitas certificações, por exemplo, de comércio justo, certificações orgânicas, certificação de boas práticas agrícolas, de coleta, seguindo aí... também orienta ações internacionais... então, hoje por exemplo, são feitos contratos em alguns lugares... a gente já fez os contratos trienais, anuais... de acordo com o que as partes entendem importante para aquela comunidade (sic) (REPRESENTANTE 4).

Um ponto comum a ser inferido nestas declarações, é o fato da formalização contribuir para a abertura de diálogos mais flexíveis, capazes de mitigar assimetrias que estão ligados às tarefas. Essa acessibilidade, fortalece os vínculos da confiança e contribui para que a ampliação da rede ocorra de uma forma coesa. Em relação à teoria, essa referência bastante incerta aponta: [...] uma norma existe quando o direito socialmente definido de controlar uma ação é detido não pelo ator, mas por outros. Assim, representa um grau de consenso no sistema social. Coleman sugere que "onde uma norma existe e é eficaz, ela constitui uma forma poderosa, embora às vezes frágil, de capital social".

Tornando-se, com efeito, "expectativas que ligam", tais normas podem ter uma influência significativa nos processos de troca, abrindo acesso às partes para a troca de conhecimento e garantindo a motivação para envolver-se em tal troca (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998). As obrigações caracterizam-se pela necessidade moral de cumprir algum acordo. Elas são relevantes porque reforçam o senso da confiança e podem ser identificadas na fala da representante 1, descrita no tópico anterior. Conforme orientação metodológica, a sua identificação é facilmente percebida nos relatos concernentes à expectativas oriundas de relações de parceria. Por esse motivo, apresenta-se abaixo a descrição que os participantes fizeram sobre essa associação:

Na minha opinião a empresa parceira é aquela que tá no lado-a-lado, do dia-a-dia é uma questão mesmo de um tá do lado do outro ajudano tipo... uma negociação... não tem aquela negociação ganhaganha que é exatamente a parceria... em que os ambos são fortalecidos e são contemplado por essa existência de confiança de compromisso, de ajuda mútua, entendeu? (sic) (REPRESENTANTE 1).

Uma empresa parceira, pra mim... é, ela... não só espera de um lado, né, ela também colabora, porque assim, a gente como órgão público... é a gente percebe que muitas vezes a parceria é só de um lado, né, da gente traz benefício... então tem que ver... às vezes o retorno, né... então pra mim parceiro é quando existe a parceria dos dois lados, né, benefício dos dois lados (sic) (REPRESENTANTE 2).

Olha primeiro, uma empresa parceira teria um objetivo comum, a gente teria um objetivo comum e os seus parceiros precisa contribuir pra que a gente consiga desenvolver esse objetivo comum... e os parceiros precisam ter equilíbrio pra poder trabalhar juntos pra alcançar esse objetivo comum... Objetivo em comum e contribuição né, porque não basta ter um objetivo sem ter contribuição efetiva, não pode ser esse parceiro que tem uma boa vontade danada mas fica só nas reuniões sabe, sem executar efetivamente nenhuma atividade, então esse no mínimo não vai ser um parceiro bom (sic) (REPRESENTANTE 3).

[...] a gente como indústria, e eu representando o braço da indústria, não tem a mínima condição da gente fazer uma parceria sem ter parceiros locais, a gente sempre vai buscando parcerias... mais ninguém melhor do que a pessoa que está no local pra possibilitar o andamento das coisas de uma forma mais celular, de registro, com a frequência que nos garanta realmente que o manejo está sendo bem desenvolvido (sic) (REPRESENTANTE 4).

A avaliação dos relatos, demonstra que os participantes possuem expectativas similares, pois acreditam que as obrigações dos parceiros se encontram destinadas ao cumprimento de objetivos em comum, por meio de ações recíprocas e exitosas, popularmente denominadas de ganha-ganha. A corroboração dessas construções sociais é comentada por Bourdieu e Coleman nas passagens destacadas abaixo: As obrigações representam um

compromisso ou dever de realizar alguma atividade no futuro. Coleman (1990) afirma que o capital social é corroído por fatores que tornam as pessoas menos dependentes umas das outras. Isso aparece especialmente para a dimensão relacional do capital social. Por exemplo, as expectativas e obrigações são menos significativas quando as pessoas têm fontes alternativas de apoio (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998).

O capital relacional é uma rede de relações interpessoais, dotada de elementos que estimulam o aprofundamento dos laços, gerando sentimentos de identidade, amizade, confiança, prestígio e aprovação. Sua importância está atrelada a criação e transferência de conhecimento para as diferentes gerações futuras.

É através deste fenômeno, que ocorrem os processos de inovação, fato que o torna ainda mais relevante. Ao caracterizar este constructo, observou-se que ações de distanciamento interferem no compartilhamento identitário, prejudicando o aprofundamento das relações de confiança, apesar dos densos fluxos de informação. Embora essas relações se apresentem estáveis, o sistema estabelecido de normas e obrigações podem, a longo prazo, contribuir para uma expansão coesa em função dos estímulos gerados.

Atribuído a terceira dimensão teórica, o Capital cognitivo nasce da interface entre o Capital Estrutural (primeira dimensão) e o Capital Relacional (segunda dimensão). Responsável pelo processo de cognição social, sua existência só é viável mediante trocas e combinação, sendo que esse compartilhamento pode ocorrer de duas maneiras principais: linguagem e códigos ou narrativas coletivas. A linguagem é capaz de influenciar nossa percepção sensorial, transformando-a em uma forma comunicativa que, quando veiculada de maneira uníssona atribui certo valor a rede. A exemplo, descreve-se abaixo o compartilhamento das opiniões sobre o impacto social das parcerias:

Sim, acredito que sim, é... a disseminação de boas práticas, né, pra sociedade intendê isso... e qual o impacto social economicamente que isso gera pro nosso município? Porque quando tu pega Parauapebas, a principal matriz econômica é de um... recurso não renovável, diferentemente do que a cooperativa vem trabalhando há décadas, né, que é com a questão dos recurso renovável e de garantir o futuro com a sustentabilidade (sic) (REPRESENTANTE 1).

Existe um impacto social muito grande porque essa prática, ela consegue trazê renda pra essas quarenta e sete famílias, né, então... não só o impacto social na questão... no sentido da renda, mais também o impacto social desse, desses quarenta e sete coletores e... junto com as famílias, entenderem a importância de uma unidade de conservação, né... se essa sociedade que vive nesses municípios não entenderem a importância, não vai fazê sentido, porque a pressão é... pra dentro da floresta. Então... se a gente consegue fazê essa parceria com esses grupo social de extrativistas, e... e a gente consegue levar pra eles a importância da floresta em pé, a gente consegue tê um equilíbrio... um freio desse avanço de exploração (sic) (REPRESENTANTE 2).

Então eu sugeriria, por exemplo, de... impacto social, de uns estudos que a gente faz, primeiro a gente envolve a [cooperativa extrativista] e faz a transferência de renda ao... limite de participação, onde a gente paga pra eles trabalharem dentro do projeto, né, e aí a gente já tem uma transferência de renda automática [pausa] é... parte deles trabalham também, por exemplo, no mapeamento de novas áreas de jaborandi... e também, é... produzem, como levam a produzir, objetivos que melhoram o manejo da espécie, que é alvo deles, ao melhorar o manejo, automaticamente a gente melhora a posição de trabalho e a unidade de cultura em um tempo maior, que seja feito de uma maneira mais adequada para cê sustentável a longo prazo... ainda cê mais rentável também. Se faz sentido quem vai dizer, efetivamente, é a própria [cooperativa extrativista] (sic) (REPRESENTANTE 3).

Eu trago uma frase pra finalizà, é... o [omitido – 00:21:56] que foi um dos gestores do [instituto ambiental], né, é... articipo dum, dum relatório que nós fizemos de sustentabilidade com essa frase... que eu acho que fecha muito esse... esse prazer que a gente tem em, em trazê folhas pra indústria, numa floresta nacional – A Flona Carajás, ela é uma unidade de conservação que em parceria com o [instituto ambiental], a [farmacêutica nacional] e a [cooperativa extrativista] utilizam de forma sustentável os recursos naturais, da Flona Carajás, para geração de renda local, demonstrando que o extrativismo de jaborandi, nessa unidade de conservação, é uma frente econômica de extrema relevância para o município de Parauapebas (sic) (REPRESENTANTE 4).

Nesta passagem, o compartilhamento linguístico dos representantes, reitera os efeitos socio-ambientais e bioeconômicos que as parcerias produzem. Esse comportamento contribui para o fortalecimento da união entre os principais atores da rede, pois, como exemplificado na teoria: Primeiro, a linguagem tem uma função direta e importante nas relações sociais, pois é o meio pelo qual as pessoas discutem e trocam informações, fazem perguntas e conduzem negócios na sociedade. Na medida em que as pessoas compartilham uma linguagem comum, isso facilita sua capacidade de obter acesso às pessoas e às suas informações. Na medida em que sua linguagem e códigos são diferentes, isso mantém as pessoas separadas e restringe seu acesso (NAHAPIET; GHOSHAL).

As narrativas coletivas referem-se ao hábito de simplificar um conhecimento a fim de facilitar a absorção popular dele. É uma ferramenta sociológica que reforça comportamentos culturais importantes; como, por exemplo, descrever o histórico da origem extrativista na região estudada:

A nossa região aqui do Pará ela é muito rica, muito conhecida pelas suas riquezas minerárias, né, [...] e em torno de 40, 50% da economia do nosso município, ela vem da mineração... e vem a [cooperativa extrativista] com essa contradição toda, né, com esse projeto lindo e maravilhoso que exerce aqui a atividade extrativista [...] Tudo se começou lá na década de oitenta... é tão velho quanto o projeto de ferro... o Carajás como é conhecido aqui popularmente, né, e naquela época... da década de oitenta não era permitido o uso sustentável dos recursos da floresta [...] (sic) (REPRESENTANTE 1).

Assim, uma coisa que eu admiro lá é... que tem uma presidente competente né [representante 1] que eu já conheci ela, assim, é uma pessoa... assim, que tem um discurso não só bonito, né, que assim... a gente vê que na prática, o que eles, eles desempenham lá, né, ela tem um compromisso muito grande lá com os extrativistas, né, eles têm muita dificuldade... que.... digamos que do tempo que ela tava lá, de lá pra cá eles cresceram muito, né, eles fizeram um trabalho de cooperativa mesmo muito eficiente da época dela pra cá (sic) (REPRESENTANTE 2).

Acho que o trabalho de... pequenos coletores extrativistas, quanto mais eles se organiza, melhor eles serão remunerados e melhor vai ser a devolução da atividade deles também. Se você consegue ser padrão, você consegue ter força de comércio, então a [cooperativa extrativista] é bem estruturada, tá caminhando cada vez mais pra essa estruturação melhor, haja visto como que era e como que eles estão seguindo hoje, então isso é algo muito admirável (sic) (REPRESENTANTE 3).

No caso aqui, da [cooperativa extrativista] é... a [representante 1] pode me corrigir, se eu estiver enganada, mas o primeiro contrato foi lá em 2009, né, a [farmacêutica nacional], essa unidade fabril que fica em Parnaíba, ela foi comprada a cerca de vinte e um, vinte e dois anos atrás, era a mesma unidade onde a [farmacêutica alemã] produziu por muitos anos a pilocarpina e do contrato inicial da [farmacêutica alemã] também tinha uma fazenda no Barra do Corda, no contrato inicial... então a [farmacêutica alemã] assumiu o comércio de folhas por dez anos e depois de dez anos ela podia buscar outras fontes, então resgatou todo o contato em torno do manejo que já existia previamente... na ocasião não era a [cooperativa extrativista], era uma outra cooperativa, então a [cooperativa extrativista] já desenvolvida foi se estabelecendo e com várias parcerias ela chegou a forma em que está hoje (sic) (REPRESENTANTE 4).

A análise demonstra que tanto a descrição dos representantes 1 e 4, como as referências dos representantes 2 e 3, enfatizam uma condição de crescimento rápido atrelada ao sucesso obtido através das parcerias. Como apresenta a literatura teórica: Além da existência de linguagem e códigos compartilhados, os pesquisadores sugeriram que mitos, histórias e metáforas também fornecem meios poderosos em comunidades para criar, trocar e preservar conjuntos ricos

de significados. Orr (1990) demonstra como a narrativa em forma de histórias, repleta de detalhes aparentemente insignificantes, facilita a troca de prática e experiência tácita entre técnicos, possibilitando a descoberta e o desenvolvimento de uma prática aprimorada (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998). Conclui-se que as ferramentas linguísticas empregadas pela rede, possuem o objetivo de retratar o histórico socioambiental regional acumulado nos últimos 40 anos.

Essa adaptação narrativa ressalta a importância da preservação ambiental endossando o papel contributivo das parcerias para o processo. A similaridade dos discursos nas entrevistas e a recapitulação do período de ilegalidade transmitem certa temeridade ao contexto social. Talvez, esse seja o principal motivo de as divulgações adotarem, em sua maioria, um tom mais educacional do que técnico/informativo.

Considerações Finais

Durante a pesquisa observou-se que a rede está passando por um processo de expansão do horizonte relacional, o que pode ser positivo para ela, caso haja o aprofundamento dos laços. Em seu benefício, está um grande poder de articulação, estruturas densas de comunicação e o compartilhamento efetivo de narrativas, linguagens e códigos. Os três principais problemas identificados, estão vinculados à confiança, que é o principal eixo da rede.

O Senso Identitário constrói conexões que viabilizam o aprofundamento dos Laços, que, por sua vez, solucionam Fatores Conflitantes de forma mais rápida e efetiva. O estímulo a qualquer um destes elementos promoverá o reforço positivo da confiança. Conforme argumentado, a análise geral apontou que as deficiências estão concentradas na dimensão relacional, e podem afetar a produção do capital cognitivo no longo-prazo. A literatura apresentada, ressaltou a necessidade de se utilizar a estrutura organizacional para promover mudanças sociais que agreguem valor à coletividade.

A narrativa dos entrevistados revelou que a existência de um forte engajamento às causas ambientais, transcende a esfera pessoal e molda a

estrutura da rede, mantendo-os unidos. Essa característica foi identificada por ações de impacto socioambiental e bioeconômico.

A escassez de referências nacionais sobre o tema, a curta janela temporal para o estudo, e a ampliação da pesquisa ao limite transacional, foram os principais fatores limitantes encontrados. Por ter como principal objeto de estudo as relações humanas, que se comportam de maneira dinâmica, destaca-se a importância de novas pesquisas que contribuam com a temática no futuro.

Por isso, sugere-se que as novas pesquisas tracem: a avaliação das parcerias no horizonte relacional, a utilização de ferramentas voltadas à gestão relacional, a caracterização de outras redes extrativistas ou a identificação dos impactos causados no Capital Social da pós pandemia.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Edições 70: 1977. p. 43 e 44.

BRITO, Carlos Melo. **Novos Horizontes do Marketing**. Alfragide. LeYa: 2014. Cap. 1: Marketing Relacional: o marketing da fidelização. Posição 133, 221 e 237. Edição Kindle.

COLEMAN, James. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, Chicago. v. 94, n. suplementar. Jan/1988. pp. 98, 102 e 104.

D' ARAUJO, Maria Celina. **Capital Social**. 2 ed. Rio de Janeiro. Zahar: 2003. Posição 39. Edição Kindle. FIELD, John. Social Capital. 2 ed. Nova York: Key Ideas. 2008. pp. 13, 14, 64 e 65.

FURLANETTO, Egídio Luiz. Instituições e desenvolvimento econômico: a importância do Capital Social. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, PR. v. 16, n. suplementar. 2008. pp. 63.

GUMIER-COSTA, Fabiano. **Os folheiros do jaborandi**: organização, parcerias e seu lugar no extrativismo amazônico. Jundiaí: Paco Editorial. 2017, posição 3142. Edição Kindle.

GUMIER-COSTA, Fabiano; MACGRATH, David Gibbs; PEZZUTI, Juarez Carlos Brito; HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. Parcerias institucionais e evolução do extrativismo de jaborandi na Floresta Nacional de Carajás, Pará, Brasil. **Sustentabilidade em debate**. Brasília, DF. v. 7, n. 3. 2016.

GUMMESSON, Evert. **Marketing de Relacionamento Total**. Porto Alegre. Bookman: 2009. pp. 95.

HIGGINS, Silvio Salej. **Os fundamentos teóricos do Capital Social**. Chapecó. Argos: 2005.

JUSTINO, David. **Estudos sobre a Globalização**. Lisboa. Edições 70: 2016. Título I: Economia e sociologia. Cap. 4: Globalização, uma perspectiva sociológica. Posição 1170, 1180, 1193 e 1205. Edição Kindle.

KOCHÊ, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica**: teoria da ciência e iniciação científica. Petrópolis, RJ. Vozes: 2011. pp. 47 e 126.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo. Atlas: 2003. p. 22.

NAHAPIET, Janine; GHOSHAL, Sumantra. **Social capital, intellectual capital, and the organizational advantage**. In. Academy of Management Review, Mississippi, USA. v. 23, n. 02, abr/1998. pp. 243, 244, 251, 252, 253, 254, 255 e 256.

PUTNAM, Robert. Bowling Alone: **The collapse and revival of American Community**. 20 ed. Nova York. Simon & Schuster: 2001. Título I: Introduction. p. 17 e 18. Edição Kindle.

RAMOS, Carla; ROSEIRA, Catarina. **Novos Horizontes do Marketing**. Alfragide. LeYa: 2014. Cap. 8: Marketing de redes: o marketing das interdependências. Posição 3293, 3302, 3342, 3370, 3395 e 3436. Edição Kindle.

SANTOS, Breno Augusto. 1 Vídeo (1h 25min 39s) **A história da descoberta de uma das maiores províncias minerais do planeta - Carajás**. Publicado por Canal Semana da Geologia UFMG. 2019. Acessado em 05 mar. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0a9PAAaEosk>.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: planejamento e Métodos**. 5 ed. Porto Alegre, RS. Bookman: 2015. pp. 2 e 3.

